

# PARAMETRIA COMO SUBJETIVIDADE

## Uma investigação entre o sujeito e a arquitetura em um mundo digital

### PARAMETRY AS SUBJECTIVITY

### *An investigation between the subject and architecture in a digital world*

Gihad Abdalla El Khouri<sup>1</sup>

#### Resumo

Ao compreender-se a arquitetura pelo viés kantiano, como a arte mais interessada, vemos que de forma irreparável ela se liga ao mundo, seus aspectos mais profundos, sugerindo e sujeitando-se as alterações do tempo, da cultura e dos indivíduos. Neste campo de interesses a virtualidade atinge a realidade de forma avassaladora, fazendo com que o sujeito seja sensível à codificação, à conexão e à interface em uma modificação do tempo e do espaço, onde tudo se torna instantâneo e onipresente. Uma situação que envolve não apenas um mundo rizomático como também nutre um outro sujeito que projeta com base no código e com a possibilidade da parametria. Assim, propomos uma investigação teórico-explanatória de base Deleuziana no presente artigo, buscando pautar a questão da parametria na arquitetura a partir de uma análise do sujeito inserido no mundo digitalizado e suas influências no projeto, utilizando o arcabouço teórico de John Rajchman, Antoine Picon e Karl S. Chu. Palavras-chave: Parametria, virtual, arquitetura, mundo, sujeito.

#### Abstract

*When understanding architecture from a Kantian perspective, as the most interested art, we see that it is irreparably linked to the world, its deepest aspects, suggesting and subjecting itself to changes in time, culture, and individuals. In this field of interests, virtuality reaches reality in an overwhelming way, making the subject sensitive to coding, connection, and interface in a modification of time and space, where everything becomes instantaneous and omnipresent. A situation that involves not only a rhizomatic world, but also nurtured another subject who projects based on the code and with the possibility of parametry. Thus, we propose a theoretical-explanatory investigation Deleuzian's based in the present article, seeking to base the question of parametrics in architecture from an analysis of the subject inserted in the digitized world and its influences on the project, using the theoretical framework of John Rajchman, Antoine Picon and Karl S. Chu.*

*Keywords: Parametry, virtual, architecture, world, word, subject.*

Ao compreendermos a arquitetura pelo viés kantiano, para além de seu julgamento valorativo, como “a mais interessada das artes liberais livres”<sup>2</sup>, em suas conexões com o capital, o governo, a geografia e a cultura, como por meio da perspectiva schopenhaueriana – excluindo-se também seu juízo de valor – que, posteriormente, engendrou as bases da disciplina às “qualidades mais universais da pedra, como gravidade, rigidez, coesão, dureza”<sup>3</sup>. Conforme arte de suporte ao peso, do espírito da gravidade<sup>4</sup>, notamos que, de forma irreparável a arquitetura liga-se ao mundo, seus aspectos mais profundos, reais. Sugerindo e sujeitando-se as alterações do tempo, da cultura, dos indivíduos.

Em A Dobra: Leibniz e o barroco de 1988 o filósofo francês Gilles Deleuze, a partir da voz do filósofo alemão moderno G. W. Leibniz, propõe uma outra metafísica, uma metafísica barroca, na qual se passa do mundo ao sujeito ao preço de uma torção, que faz com que tais sujeitos sejam reportados a esse mundo como à virtualidade que eles atualizam<sup>5</sup>. Desta forma, guarda-se toda uma rede de trocas, na qual se abre “um campo conceitual a partir do qual a vida pode ser pensada em sua potência e variação”<sup>6</sup>.

Circunscrito a esse sujeito amplo, dado por Deleuze, tem-se o mundo virtual, a rede, o computador, que, em sua inflexão no final da década de 1970, atinge o mundo de forma avassaladora fazendo com que este mesmo sujeito seja “sensibilizado ao código e, assim, predisposto à conexão, à interface permanente com o universo digital”<sup>7</sup> ao ponto de tudo tornar-se algoritmo!<sup>8</sup> Decorre daí, que, para pensar a parametria na arquitetura, em especial no ato de projetar, somos remetidos a pensar o contexto que os englobam, tanto a parametria quanto a arquitetura. Uma situação que envolve não apenas um mundo rizomático<sup>9</sup>, “admirável mundo novo das sociedades de informação global”<sup>10</sup>, como também um outro sujeito.

A partir de uma investigação teórica-explanatória de base Deleuziana acerca o sujeito (DELEUZE, 2001; 2012) bem como as perspectivas arquitetônicas que decorrem daí em John Rajchman (2000; 2013), assim como dos textos que interseccionam arquitetura e tecnologia de Antoine Picon (2013) e Karl S. Chu (2013), o presente artigo busca pautar a questão da parametria na arquitetura, a partir de uma análise sobre o sujeito e seus modos de subjetivação em um mundo digitalizado, que acabam por afetar o projeto.

#### Sujeitos deleuzianos e modos de subjetivação

Em 1953, em *Empirismo e subjetividade: Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*, Deleuze se debruçou sobre a questão do sujeito a partir do filósofo inglês e empirista David Hume. Assim surge o *sujeito prático*<sup>11</sup> que se estrutura de maneira a possibilitar envolvimento retroalimentares com o mundo e seus objetos, sendo apenas nele que se faz possível este relacionamento pois ele “se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo”<sup>12</sup>, ou seja, este sujeito é

<sup>1</sup> Professor na graduação em Arquitetura e Urbanismo na FATEC-PR, Mestre em Arquitetura pelo Programa de pesquisa e pós-graduação em Arquitetura da UFRGS (PROPAR), especialista em Artes Híbridas pela UTFPR (2017) e arquiteto pela UTFPR (2015), pesquisa na área de teoria e crítica da arquitetura com enfoque em teoria da arquitetura pós-moderna e contemporânea e suas relações com a filosofia, em especial a filosofia deleuziana em suas diversas veredas.

<sup>2</sup> (RAJCHMAN, 2013, p. 75)

<sup>3</sup> (KORAB-KARPOWICZ, 2012)

<sup>4</sup> (RAJCHMAN, 2000, p. 40)

<sup>5</sup> (DELEUZE, 2012)

<sup>6</sup> (MANSANO, 2009)

<sup>7</sup> (BERNARDI, 2019, p. 88)

<sup>8</sup> (CHAITIN, 2003, p. 9)

<sup>9</sup> (DELEUZE; GUATTARI, 2011)

<sup>10</sup> (RAJCHMAN, 2013, p. 74)

<sup>11</sup> (DELEUZE, 2001)

<sup>12</sup> (DELEUZE, 2001)

posto enquanto um efeito transitório, uma *processualidade*, um devir. Está relacionado ao externo, à experiência, ao contanto com os acontecimentos, enfrentamentos cotidianos, forças. Não sendo mais cabível um sujeito estático, enquanto entidade pronta.

O sujeito não pode ser concebido como uma entidade pronta, mas ele se constitui à medida que é capaz de entrar em contato com essas forças e com as diferenças que elas encarnam, sofrer suas ações e, em alguma medida, atribuir-lhes um sentido singularizado. Nesse movimento, parte delas passa a compor o homem, dando uma forma (provisória) para o “lado de dentro”. (MANSANO, 2009).

Para Deleuze, a relação entre o lado de dentro (interioridade do sujeito) e o lado de fora (o mundo) se dá pelo movimento constituinte do sujeito somado à ideia das forças externas, ou, de outra maneira, coloca que tal relação se estabelece ao momento em que “o dado já não é dado a um sujeito; este se constitui no dado” (DELEUZE, 2001). E explica este dado a partir de Hume:

Mas, que é o dado? É, diz Hume, o fluxo do sensível, uma coleção de impressões e de imagens, um conjunto de percepções. É o conjunto do que aparece, o ser igual à aparência, é o movimento, a mudança, sem identidade nem lei. Falar-se-á de imaginação, de espírito, designando assim não uma faculdade, não um princípio de organização, mas um tal conjunto, uma tal coleção (DELEUZE, 2001, p.95).

Já em a *Dobra* (1988) Deleuze insere, a partir de Whitehead, o *superjecto*. Não mais um sujeito situado abaixo, posto, passivo. Ao contrário, um agente ativo que se coloca em lugar, apresenta suas visões, suas perspectivas, e que multiplicadas convocam o olhar, o incitam para muitas direções. Este *superjecto* torna a fazer parte de um campo de entendimento e visualidade: campo neutro do olhar de atravessamentos, inversões de papéis entre sujeito e objetos, em trocas ao infinito. Aqui, Deleuze apresenta uma outra perspectiva do sujeito, que nos parece um aprofundamento do *sujeito prático* em Hume, sendo sujeito aquele que se deslocar ao *ponto de vista*<sup>13</sup>, ao se instalar nele. Representando a variação ou a inflexão o ponto de vista será condição sob a qual um eventual sujeito irá apreender a variação ou algo<sup>14</sup> na “abertura de um lugar que não para de trocar de conteúdo, forma, cara, identidade.”<sup>15</sup>

Félix Guattari compõe, ao lado de Deleuze, algo que podemos considerar um campo conceitual a partir do qual pode-se compreender o sujeito e a subjetividade em sua potência de variação, seu status cambiante. Em *Micropolítica: cartografias do desejo* (1996) o filósofo junto a Suely Rolnik vê a subjetividade como um processo produtivo no qual estão presentes e participativos uma heterogeneidade de componentes. Mansano, ao analisar a postura de Guattari, coloca estes componentes como “resultantes da apreensão parcial que o indivíduo realiza, permanentemente, de uma heterogeneidade de elementos presentes no contexto social”<sup>16</sup> e assim acabam servindo a uma singularização de ideias e valores. Aqui fica claro que os filósofos franceses entendem que a “subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no

13 O ponto de vista é condição sob a qual um eventual sujeito apreende uma variação ou algo. (...). Trata-se não de uma variação da verdade de acordo com um sujeito, mas da condição sob a qual a verdade de uma variação aparece ao sujeito. (DELEUZE, 2012 p. 40)

14 (DELEUZE, 2012)

15 (COSTA, 2009)

16 (MANSANO, 2009)



Figura 1: Grounded. Do autor. 2020.

registro do social.”<sup>17</sup> Construindo uma ideia de sujeito enquanto um efeito provisório, e que mantém um devir de acolhimento e emissão contínuos em uma construção viva.

São noções da diferença no sujeito, tomado como movimento, como processo. E não somente o sujeito, mas a subjetividade e os modos de subjetivação devem ser compreendidos da mesma forma, como um sistema. Guattari e Rolnik (1996) apresentam um complemento para pensar a subjetividade como processo e como encontro com o outro, não totalizada ou centralizada no indivíduo, mas dele constituinte e constituidora.<sup>18</sup>

Assim, no momento em que o sujeito se constitui no dado, se faz em movimento, em uma relação constante, entre o lado de dentro e o fora, se institui uma abordagem em sistema, sistema constituído pelo sujeito, pela subjetividade e pelos modos de subjetivação. O *sujeito prático* ou *superjecto* é agente, é processo assim como a subjetividade o é.

Mas pelo menos, já podemos pressentir como se manifestará essa unidade no sujeito: se a relação não se separa das circunstâncias, se o sujeito não pode separar-se de um conteúdo singular que lhe é

17 (GUATTARI; ROLNIK, 1996)

18 (GUATTARI; ROLNIK, 1996)

estritamente essencial, é porque, em sua essência, a subjetividade é prática. É nos vínculos do motivo e da ação, do meio e do fim, que se revelará sua unidade definitiva, isto é, a unidade das próprias relações e das circunstâncias: com efeito, esses vínculos meio-fim, motivo-ação, são relações, mas outra coisa também (DELEUZE, 2001, p.118).

Ainda neste contexto a “(...) subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo.”<sup>19</sup> Ou seja, a subjetividade opera na interioridade e no exterior do indivíduo em fluxo no qual diversos componentes se difundem e se agrupam ganhando delimitações diversas a partir de diversos modos de subjetivação que dizem respeito às maneiras de se tornar sujeito. “Os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, sendo que estas cooperam para produzir formas de vida e formas de organização social distintas e, cabe insistir, mutantes”<sup>20</sup>.

Portanto, quando recorremos em nossos estudos à noção de subjetividade, tal qual pensada por Guattari, estamos referidos a uma matéria-prima viva e mutante a partir da qual é possível experimentar e inventar maneiras diferentes de perceber o mundo e de nele agir. O encontro com esses componentes possibilita fazer conexões díspares e inesperadas, precipitando movimentos que insistem em suas misturas e desvios (MANSANO, 2009).

É todo um complexo que envolve o campo social, o extenso material e a interioridade do sujeito, campo que envolve um mundo que se conecta; do físico ao metafísico. “A vida se desenrola nesse campo complexo do qual fluem ininterruptamente os dados e os acontecimentos”<sup>21</sup>. Assim, se mantém um sistema aberto, uma circulação de forças do externo ao interno e vice-versa, sendo trocas, atualização e realização sob os termos de Deleuze, um jogo vivo de construção. É nesse sentido, que o *sujeito prático*, ou *superjecto* concebe uma vida de construção ético/estética que implicam “conceber a subjetividade, os modos de subjetivação e o sujeito como construções que não se fecham em uma entidade apaziguada”<sup>22</sup>. O que implica aceitar o sujeito como criador, como movimento, acontecimento. Não mais um sujeito passivo, mas um estado perante o mundo em que “olho-o olhando o que olho – olhando-me”<sup>23</sup>.

### Um mundo digital

Não estamos tanto no fim da história quanto no fim do mundo geográfico, no qual as antigas distâncias no tempo instigaram o distanciamento da presença (PAUL VIRILIO, 1996 em RAJCHMAN, 2000, p. viii, Tradução do autor).

Vimos que as relações entre sujeito e mundo são imbricadas, um construindo o outro constantemente em um processo *ad infinitum*. Isso se torna ainda mais profundo quando tais relações escapam às relações estritamente reais e concretas adentrando no virtual. A realidade virtual, englobada à realidade concreta, principalmente a partir de 1977,<sup>24</sup> reafirmou e aprofundou um mundo que “surge como um campo em que

19 (GUATTARI; ROLNIK, 1996)

20 (MANSANO, 2009)

21 (MANSANO, 2009)

22 (MANSANO, 2009)

23 (PAZ, 2007)

24 Franco Bernardi coloca 1977 como um ponto de bifurcação na história do mundo com a criação da

forças se manifestam, e não como uma geografia estática.”<sup>25</sup>

No mundo do chamado “fim da geografia” compreende-se que a digitalização – alinhada à globalização – não apenas envolve um “alisamento” do mundo, homogeneização universal das culturas e das vivências, mas também como “um afrouxamento uma vacilação das fronteiras que se mostram por meio de misturas ou *hibridismos*, e as questões que colocam”<sup>26</sup>. Uma hibridização entre o abstrato e concreto que inauguram novos movimentos e sensações e que acabam por estabelecer “profundas mudanças de paradigmas, que correspondem a uma alteração na base produtiva da sociedade e parecem reestruturar as formas de subjetividade”<sup>27</sup>, tendo em vista que “o computador fornece novas entidades e objetos perceptuais”<sup>28</sup>.

Isto se dá a partir de uma certa vacilação do registro espacial em detrimento ao temporal. O mundo conectado que se apresenta na frente das diversas telas que nos consomem e às quais consumimos ininterruptamente torna-se onipresente a um toque. “Na interface da tela, tudo já se encontra lá, tudo se mostra na imediatez de uma transmissão instantânea”<sup>29</sup>. Desta forma, o tempo não mais passa, ele se expõe instantaneamente<sup>30</sup>. Deleuze já havia inscrito o sujeito na temporalidade, agora o mundo o acompanha em seus lugares digitais, em suas *não-distâncias*, assim, tanto sujeito quanto mundo servem-se de mobilidade. Ambos circulando instantaneamente pela rede, pelo globo.

A digitalização traz consigo uma amplificação daquelas capacidades que possibilitam a liquefação daquilo que não é líquido. Com isso, eleva a mobilidade do que usualmente pensamos como imóvel ou pouco móvel. Em seu extremo, essa liquefação desmaterializa o objeto. Depois de desmaterializado, ele se torna hipermóvel – circulação instantânea por redes digitais com amplitude global (SASSEN, 2013, p. 139).

Paul Virilio em seu livro *O Espaço crítico* de 1984 irá analisar tal liquefação do mundo como algo intrinsecamente negativo, principalmente com relação à sociabilidade urbana e à cidade, notando a supressão dos limites e fronteiras que passam a se configurar como interface, destituindo o contato e as relações humanas diretas e concretas em detrimento de um aumento da relação homem-máquina<sup>31</sup>.

Entretanto, deixando para trás a visão apocalíptica daqueles que, como Virilio, depositavam suas crenças no fim da cidade, pode-se notar que a nova organização mundial imprimida pela digitalização de fato “está se tornando cada vez mais espacial, inteligente e autônoma”<sup>32</sup> inaugurando novos modos de subjetividade e de relação com o espaço sem, entretanto, necessariamente substituí-lo totalmente.

São as fundações da relação com o mundo, com a cidade, que se atualizam e se alteram, inaugurando novas bases<sup>33</sup> nas quais ambos se tornam processos contínuos, sempre no devir. Wisnik (2018) irá considerar que a vitalidade das cidades

marca e filosofia Apple por Steve Wozniak e Steve Jobs tornando possível, a partir deste momento, a difusão social da infotecnologia. (BERNARDI, 2019, p. 85)

25 (PICON, 2013, p. 213)

26 (RAJCHMAN, 2013, p. 75)

27 (WISNIK, 2018, p. 144)

28 (PICON, 2013, p. 211)

29 (VIRILIO, 1993, p. 13)

30 (VIRILIO, 1993, p. 10)

31 (WISNIK, 2018, p. 16)

32 (CHU, 2013, p. 323)

33 (WISNIK, 2018, p. 17)

contemporâneas se encontra justamente neste transitório campo de forças que as atravessam<sup>34</sup>. Isto se dá pois, como assevera Sassen (2013), não há como dissociar plenamente o mundo virtual, o espaço digital de estruturas “mais amplas, sociais, culturais, subjetivas, econômicas e imaginárias da experiência vivida e nos sistemas dentro dos quais existimos e operamos”<sup>35</sup>.

Ao redefinir as bases do mundo, do sujeito e suas relações, a digitalização acaba por redefinir a materialidade ao invés de suprimi-la plenamente. Ambos – sujeito e mundo – são convocados à novas práticas e vivências, a construir novas realidades. Decorre daí a interligação entre o *sujeito prático/superjecto* deleuziano e o mundo digital, encontro de potência de construção no devir, “capaz de acompanhar o complexo labirinto de interações entre o global e o muito local.”<sup>36</sup>

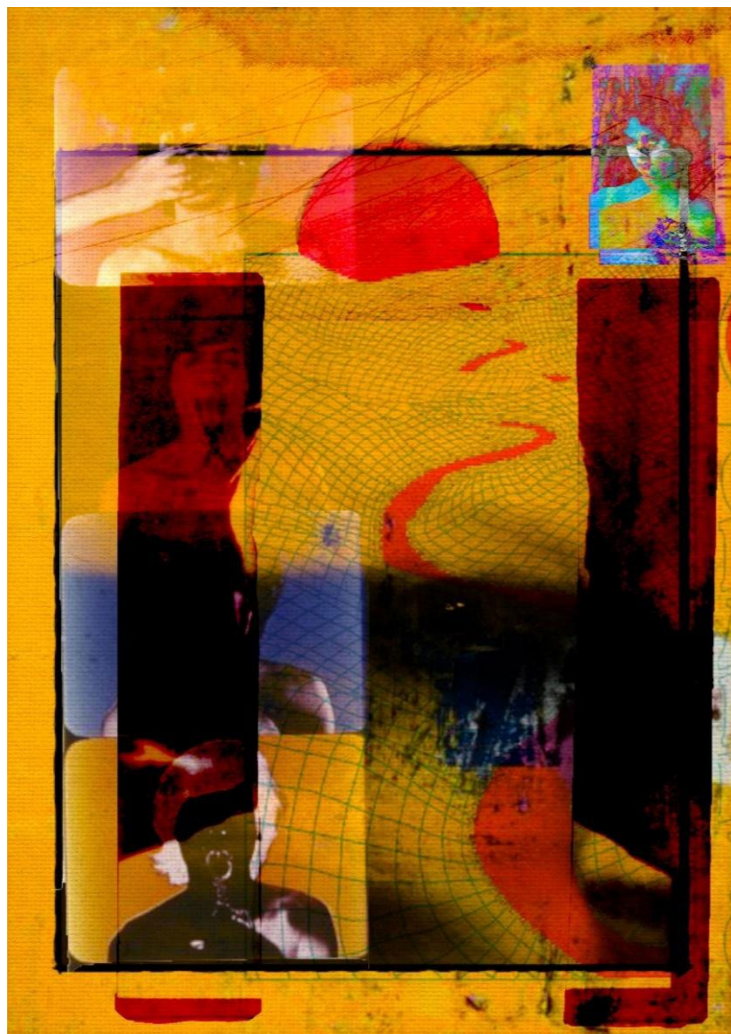


Figura 2 : Abstração. Do autor. 2020.

Vimos que, perante este mundo atual, dinâmico e digital, a materialidade tem suas bases alteradas ao invés de suprimir-se devido ao fato de o digital tomar suas bases na amplitude do mundo real. A isso soma-se que a própria materialidade não se resume à sua fisicalidade, Picon (2013) recorda que ela “é em grande parte uma construção social”<sup>37</sup>, desta forma, sujeitando a experiência física à mesma estrutura ampla à qual a experiência virtual é sujeita.

Percebemos o mundo exterior por meio das lentes fornecidas, tanto literalmente como em um nível mais simbólico, pela cultura tecnológica que nos cerca. Além da percepção, nossos gestos e movimentos cotidianos devem muito a nossas máquinas e suas necessidades específicas. Nessa perspectiva, o impacto do computador pode ser descrito de modo mais preciso como uma remodelação, e não como um distanciamento da experiência física e da materialidade (PICON, 2013, p. 207).

Dentre as diversas remodelações vimos a dissolução das barreiras e fronteiras, tornando os limites nebulosos. O que também se altera é a organização do mundo, que agora *rizomático*, em rede, móvel e dinâmico, não segue a geometria tradicional, mas sim a fractal, rompendo com as noções de escala fixa das coisas<sup>38</sup>. No *zoom in* e *zoom out* da tela do computador fragmentam-se as relações de tamanho, distância e presença. Tudo presente o tempo todo, instantaneamente, tudo maleável, cabendo no bolso, acessível aos olhos, tornando os objetos mais abstratos.

Neste sentido vemos o mundo, seus objetos e sujeitos, tornarem-se *bits, pixels*, deslocados da geografia, da história, rompendo seus limites espaciais e escalonares, sem que, no entanto, percam seu sentido material, sua amplitude cultural, subjetiva, econômica e até mesmo tectônica. É um modo de visualidade e percepção do mundo como computação como afirma Chu (2013) a partir de Wolfram.

As leis da física geram a própria matemática que torna tais leis computáveis. (...) Como comenta Wolfram: “Todos os processos, sejam produzidos pelo esforço humano, ou ocorridos espontaneamente na natureza, podem ser vistos como computações.” (CHU, 2013, p. 325)

Não se apresenta um mundo desmaterializado, contudo estamos entre mundos, “prestes a habitar o mundo comum e o mundo virtual”<sup>39</sup>, regidos por forças que extrapolam a moldura, os limites, e, assim, nos confrontam com novas questões e novos arranjos. Um sujeito prático de dois corpos<sup>40</sup>, entre o real e o virtual, como afirma Toyo Ito. Assim, se inclui no mundo o entre, a indeterminação a ser preenchida na relação entre virtual e real. Dentro desta realidade, na qual tanto mundo como sujeito tornam um caráter novo, como eventos, acontecimentos do povir em atravessamentos de forças, entre o virtual e o real é que se faz necessário pensar “novas maneiras de pensar o tempo e o espaço, ou o *espacement* (espaçamento)”<sup>41</sup>.

### Arquitetura e o digital

A posição da arquitetura entre mundos não é passível de redução, ou separabilidade. Se, como afirma Toyo Ito, há agora dois corpos, sob dois registros distintos, cabe à arquitetura projetar para ambos, compreendendo novas possibilidades do *espacement*. Desta forma, a arquitetura se abre não apenas a um mundo complexo em todos seus níveis, como também às surpresas que este espaço entre fomenta. Entre as forças ou arranjos que demandam novos diagnósticos, novos projetos. Sassen (2013) realiza sua leitura acerca digitalização neste sentido, uma investigação nas imbricações entre o digital e o real, para desta forma “inserir a condição do

34 (WISNIK, 2018, p. 20)  
35 (SASSEN, 2013, p. 137)  
36 (PICON, 2013, p. 212)  
37 (PICON, 2013, p. 207)

38 (PICON, 2013)  
39 (PICON, 2013, p. 216)  
40 (ITO, 2011)  
41 (RAJCHMAN, 2013, p. 78)

arquitetônico<sup>42</sup>. Apenas se lançando no entre mundos, na complexidade e na combinação de elementos que residirá uma arquitetura rica, que introduz “outros movimentos possíveis, não predeterminados por um programa geral”<sup>43</sup>.

Entretanto, quando enfrentado pela disciplina arquitetônica o desenvolvimento do projeto digital é muitas vezes apresentado como uma ameaça à suas dimensões essenciais, seus aspectos concretos e materiais<sup>44</sup>. Por meio do digital, a arquitetura parece distanciar da perspectiva schopenhaueriana distanciar-se do peso, da gravidade e da matéria. “A leveza é solicitada a *sair* – sair da grade de sua casa de vidro para se mover em um espaço mais livre, onde existem outras possibilidades de liberação da tradição.”<sup>45</sup>

Contudo esta solicitação não faz com que a arquitetura se desmaterialize, mas sim considere a materialidade sobre outras bases, bases de um mundo e de um sujeito móveis, sem limites, fronteiras, que se inscrevem na duração tanto quanto no espaço, e que, desta forma, entre dois mundos, abrem-se para o imprevisível. Desta forma, a digitalização não garante riscos à materialidade da arquitetura, algo que continuará a ser um aspecto fundamental de sua produção, apenas a altera, conforme o mundo e o sujeito.

Por mais que o objeto arquitetônico construído seja, irredutivelmente uma realidade concreta, o projeto arquitetônico em si “é, na verdade, um objeto virtual.”<sup>46</sup> Por meio dele busca-se antecipar a construção em suas diversas possibilidades. Sob o guarda-chuva do digital, e da assistência digital de softwares, sistemas e parâmetros, busca-se um aprofundamento nas margens de indeterminação do projeto que sempre o possibilitaram seguir caminhos diferentes. Sob as novas bases, sob o projeto entre mundos, para dois corpos, procura-se intervir nas zonas de indeterminação de ambos em um controle sobre os processos e procedimentos, corpos e objetos. “O mito da matéria (...) está prestes a ser deslocado pelo mito da informação”<sup>47</sup> No qual, mergulhados na fluidez, variabilidade e velocidade do mundo a parametrização e o projeto assistido por computador vem a inserir uma variabilidade radical sob um contínuo controlado.

A verdadeira novidade talvez resida, no fundo, na generalização do projeto como prática relativa não só às construções e seus vários sistemas tecnológicos, mas também aos materiais e, além deles, à natureza, como realidade engenhada. (...) Nossa natureza tecnológica, a materialidade é totalmente permeada pelo design. (PICON, 2013, p. 217)

O que nos parece é que o projeto arquitetônico assistido pelo computador, em especial a relação com a parametria, busca um resgate. Procura trazer ao sujeito e ao mundo tão diluídos, fluidos, móveis, instantâneos, sem fronteiras, livres e soltos para além das molduras, um controle, um “impulso concomitante de codificar a lógica da vida e do mundo à nossa volta em todas suas manifestações”<sup>48</sup>, instrumentalizando-os, em um exercício racional.

É, de certa forma, indissociável do sujeito clássico, como o ocidental, pautado pela

42 (SASSEN, 2013, p. 136)

43 (RAJCHMAN, 2013, p. 80)

44 (PICON, 2013, p. 206)

45 (RAJCHMAN, 2000, pp. 51-52).

46 (PICON, 2013, p. 208)

47 (CHU, 2013, p. 327)

48 (CHU, 2013, p. 324)

razão, pelo controle e pela disciplina que ao mesmo tempo que vemos a queda das fronteiras, o aumento da velocidade a termos irreparáveis, e em diversos sentidos a perda do controle – sobre si, sobre o mundo, sobre o outro – que tencionemos em busca de ordem, lógica e razão. Assim, toma-se o outro lado da era digital, aquela que “possibilita que todo objeto e todo material sejam rigorosamente definidos, a cada etapa de sua elaboração.”<sup>49</sup> Um mundo de dados digitalizados torna-se um mundo codificado, mensurável, que busca traduzir e reduzir todas as suas complexidades.

Sobre esse prisma, podemos analisar que, embora localizados em um mundo digitalizado e assistidos pelos sistemas computacionais, pelas diversas telas interativas e pela parametria, a arquitetura as incorporou a partir de uma subjetividade e um modo de uso “ainda sob os vestígios do antigo paradigma.”<sup>50</sup> Desta forma, o problema não parece residir nas questões em relação à tectônica e materialidade, conforme descrito anteriormente, mas as *prisões* impostas pela subjetividade deslocada do sujeito que teima em manter-se lógico, controlador e disciplinado, aderindo aos softwares de forma que seus modos de funcionamento e preferências acabem por coagir o sujeito projetista<sup>51</sup>.

Com isso, a arquitetura, por meio do digital e da parametria, encontra tanto a potencialidade de emancipação da antropologia, encontrando sua própria autonomia, possibilitando a construção de infinitos mundos possíveis<sup>52</sup> como esbarra nas dificuldades de o sujeito tornar-se de fato prático, abandonando seu posto estático no qual acaba por sujeitar-se à tecnologia e ao digital. É então no encontro da parametria com a subjetividade, ou melhor, na parametria como subjetividade que reside os novos desafios de uma prática arquitetônica contemporânea. Compreendendo toda a potência e a liberdade em a arquitetura tornar-se profundamente na “arte de juntar dois bits”<sup>53</sup>.

### Parametria como subjetividade

Compreendemos a arquitetura em seu interesse perante o mundo e seus agentes, sendo inclusive um deles. Em um primeiro momento buscamos nos desvencilhar do juízo como arte inferior, dotado por Kant à arquitetura. Entretanto, tendo em vista o contexto ao qual se engloba atualmente, da possibilidade de um sujeito prático em um mundo digitalizado, nos parece cabível não apenas questionar este valor como dotá-lo de certa positividade e potência.

E se a arquitetônica em Kant não fosse um sistema abrangente, mas algo que deve ser construído de novo, em cada caso, em relação a novos problemas - algo mais solto, mais flexível, menos completo, mais irregular, um plano livre no qual as coisas estão penduradas juntos sem ainda serem mantidos no lugar? (RAJCHMAN, 2000, p. 1, tradução do autor).

Vimos que mundo e sujeito convergem ao terem seus registros a caminho da temporalidade em prol da espacialidade, uma temporalidade instantânea no qual o tempo se expõe mais que passa. Ao desterritorializar corpos, fronteiras e limites, tornando-os nômades exige-se uma outra subjetividade, esta agora transitória, sempre por se fazer, aberta aos atravessamentos múltiplos – quase infinitos – do

49 (PICON, 2013, p. 217)

50 (CHU, 2013, p. 326)

51 (PICON, 2013, p. 209)

52 (CHU, 2013)

53 (CHU, 2013, p. 327)

mundo digitalizado e das presenças que se impõem neste contexto.

Neste sentido a arquitetura encontra a bifurcação da instrumentalização da digitalização e virtualização do mundo e do sujeito, entre o controle total, o mundo engenhado pelas linhas de códigos e controles paramétricos e as possibilidades da complexidade que se abre e dos intervalos que se introduzem no entre real e virtual. Neste sentido, nos parece aqui, que a questão da parametria na arquitetura torna-se uma questão de subjetividade. O virtual introduz um outro tipo de pensamento, em termos de arranjos do corpo e da alma<sup>54</sup>, irreduzíveis a regras e controles. Desta forma, a parametria como subjetividade diz respeito a novos modos de ser e projetar, considerando a si mesmo – a/o arquiteta/o – conforme um sujeito prático, agente ativo de atravessamentos que se joga à construção de diversos mundos possíveis ao infinito, que se lança ao tempo para remodelar o espaço em busca de geometrias incontroláveis, potencializadoras e maximizadoras de conexões. No entre real/virtual. Considerando, por fim, a virtualidade do espaço como aquilo que dá o máximo de liberdade e movimento as forças que atravessam o mundo e o sujeito.

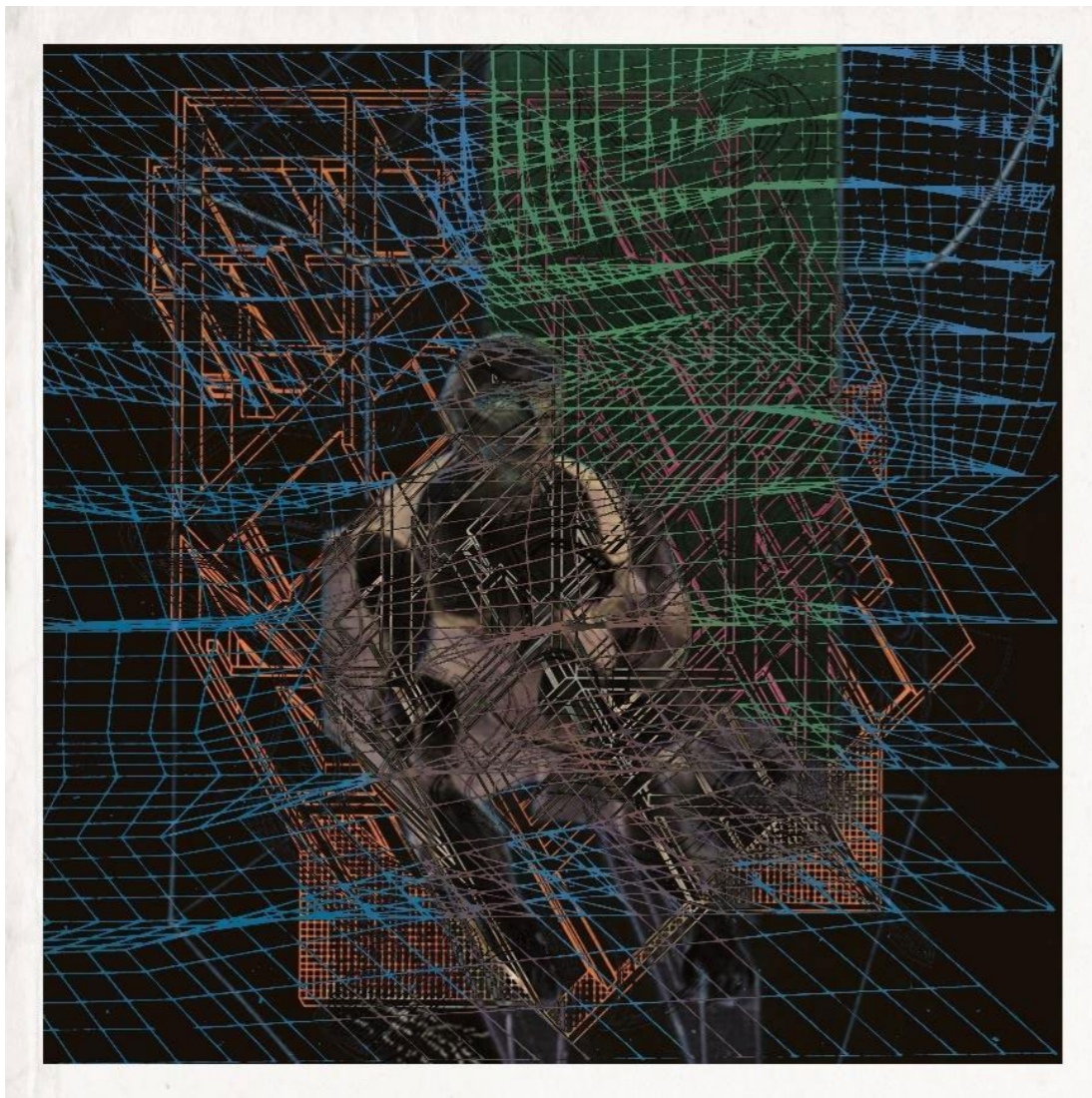


Figura 3: Folded image. Do autor. 2020.

## Referências

- BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- CARDOSO FILHO, Carlos A. A subjetividade, o Fora e a cidade: repensando o sujeito, o espaço e a materialidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(2), p. 242-251, 2016.
- CHAITIN, Gregory. *Leibniz, Information, Math and Physics*. 2003 Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/math/0306303.pdf> Acesso em: 19 de novembro de 2020.
- CHU, Karl S. A metafísica da arquitetura genética e da computação. In: SYJES, A. Krista. (Org.) *O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993-2009*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 321-330.
- COSTA, Maria de Lourdes Caleiro. Considerações sobre o erro no barroco. *Revista Percurso*, São Paulo, n. 42, junho 2009. Disponível em [http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo\\_view&ida=34&ori=edicao&id\\_edicao=42](http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=34&ori=edicao&id_edicao=42) Acesso em: 25 de novembro de 2020.
- CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Cultura e Barbárie Editora, 2014.
- DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade. Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o barroco*. Tradução de Luiz B.L. Orlandi. Campinas: Papyrus, 2012
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petropolis: Vozes, 1996.
- ITO, Toyo. *Tarzans in the Media Forest*. Londres: Architectural Association, 2011. In: VANDENABEELE, Bart (Ed.) *A Companion to Schopenhauer*. London: Blackwell Publishing, 2012, p. 178-192.
- MANSANO, Sonia R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2), p. 110-117, 2009.
- MARTIN, Reinhold. Crítica a quê? Rumo a um realismo utópico. In: SYJES, A. Krista. (Org.) *O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993-2009*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 263-275.
- MITCHELL, William J. Fronteiras/Redes. In: SYJES, A. Krista. (Org.) *O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993-2009*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 172-187.
- PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*. São Paulo: Perspectiva,

54 (RAJCHMAN, 2000, p. 120)

2007.

PICON, Antoine. A Arquitetura e o virtual: Ruma a uma nova materialidade. In: SYJES, A. Krista. (Org.) *O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993-2009*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 205-220.

RAJCHAMN, John. *Constructions*. Massachusetts: MIT Press, 2000.

RAJCHAMN, John. Um novo pragmatismo? In: SYJES, A. Krista. (Org.) *O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993-2009*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 73-83.

SASSEN, Saskia. Escala e amplitude num mundo digital global. In: SYJES, A. Krista. (Org.) *O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993-2009*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 135-142.

SYJES, A. Krista. (Org.) *O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993-2009*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VIRILIO, Paul. Foreword. In: RAJCHAMN, John. *Constructions*. Massachusetts: MIT Press, 2000.

VIRILIO, Paul. Foreword. *O espaço crítico*. Tradução de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

WISNIK, Guilherme. *Espaço em obra: cidade, arte, arquitetura*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.